

BELÉM E O SEU BATUQUEIRO*

Dalcídio Jurandir

Chego a Belém e encontro o batuqueiro em plena forma, o nosso Bruno de Menezes. A cidade conhece-lhe o passo e dele é o coração do subúrbio, do terreiro, dos arraiais. O poeta escreveu **Candunga**, prepara os **Cadernos de Camarada Bernardino** e nos dá a quarta edição de **Batuque**.

Recordo os meus primeiros encontros com Bruno de Menezes, em São João do Bruno. No balcão da "Liberal", eu e Cícero Batista – meu velho, querido Cícero, morto há dois anos – experimentávamos uma "abaeté" em certa manhã de setembro. Chega o Bruno, logo se incorpora e exclama:

- Ah, meus quinze anos!

Pavulagem do poeta, porque seus quinze anos ainda os tem nessa vida que leva, no cabelo branco, na teimosia do sonho, no gosto de descobrir a vida, todos os dias. E aqui sinto esses mesmos quinze anos, lendo **Batuque**, poema desta cidade.

* Especial para a Folha

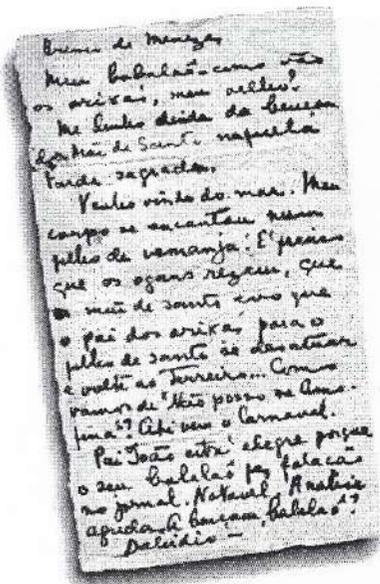
Batuque é um retrato de Belém, história do Umarizal, da Pedreira e da Cremação, do cais e das velhas docas. O subúrbio e o terreiro, em suas páginas estão dançando e cantando. O livro, por isso, tem uma saborosa força nativa e o poeta nos transmite “a vida brasileira que ele viu e gozou e viveu” nesta Belém tão sua. Em muitos versos, falam os devotos do Mastro do Divino, sussurram os namorados, sob o jasmineiro, na velha Dois de Dezembro ou na Vila da Barca, ouve-se a reza da Tia Ana das Palhas, “que foi do tempo dos cabanos”. É o tem grosso dos estivadores, o movimento dos meninos empinando papagaios e correndo atrás dos cordões e bumbás nas noites de São João. Foi para mim um encontro necessário, este, com **Batuque** agora que revejo, com melhor carinho, os lugares onde o poeta se inspirou, reconheço fisionomias e árvores e casas e esquinas que contam sua história no poema.

Batuque tem uma importância histórica e literária na poesia brasileira, sobretudo na poesia da Amazônia. E está no seu caráter popular, nos temas folclóricos, na fidelidade à terra e à gente de pé rapado, de ombro suando no trabalho e na dança de terreiro. Muitas vezes, um verso de **Batuque** é uma imprecação, como a que fala da “Gente de Estiva”. Para muitos atuais poetas de redoma, estiva é coisa rudemente anti-poética, como também não merecia a atenção dos que, há 50 anos, se esmeravam em rimar miúdas abstrações e exibir sonetos como múmias. Como uma ousadia e uma sinceridade de inovador, Bruno trouxe os estivadores para a sua poesia e cantou o seu trabalho. Considero isso um acontecimento novo na história da poesia brasileira.

E que vigoroso exemplo para os jovens poetas, sim, senhor! Será sempre inútil negar que a imaginação e a sensibilidade do povo são as forças mesmas da poesia. Sem estas, não será possível a nenhum poeta compreender o seu tempo, ser claro e profundo naquilo que quer dizer. Os verdadeiramente grandes poetas nunca foram obscuros. É verdade que se cobrem por vezes de súbita obscuridade, mas inventada por espessos e complicados exegetas. Quando alguns poetas de inegável talento, aqui na Amazônia, procuram repetir, nos seus poemas o desencanto de um Eliot, a metafísica Rilke e a “triste carne” dos poetas simbolistas, lamentando-lhes mau proceder. Estão cegos da sua terra, surdos as próprias fontes murmurantes em torno, acabarão condenados à solidão e que magra solidão!

Bruno de Menezes sumiu seguiu humildemente as leis da criação poética e isso tem exemplo em **Batuque**. O poeta atravessa a cidade como um igarapé de maré cheia. E toda a Belém se reflete nele viva, “trescalando a mangaona”. Belém dos cabanos e do Círio de Nazaré, dos grevistas de 1918 e do Mestre Martinho. Belém de voz doce, mas de peito quente quando luta pela liberdade.

Batuque faz parte de nossa cidade, como a Sé, a tacacazeira, a lembrança de Angelim, o Ver-o-Peso. Lendo-o, sinto-me num arraial, em meio dos “ombros melados da tropa devota de tantos festeiros”. Aí está o seu permanente encontro.



CARTA DE DALCÍDIO JURANDIR*

Bruno,

Ninguém mais idôneo para falar sobre **Cuia-Pitinga** do que você, pai de santo da geração de Clóvis de Gusmão e Raymundo Peres. Você continua poeta e cada vez mais novo pelo que há de movimento e de inquietude na sua personalidade. O seu caminho é o caminho de todos nós, seus companheiros nas lutas pelo pão, os velhos conflitos e as velhas angústias interiores, a sede de cultura, o vago anarquismo lírico e em surdina à maneira de Knut Hamsun....Como este, quanta fome você não passou! Mas a luta entrava pela sua boca de maravilhado e eita! Lá vai intoxicação lunar, a bebedeira astral... Nesse tempo, onde a gente podia achar emprego, para ganhar um pedaço de pão e comprar um livro? A gente ia embora para o sonho, desordenadamente, a farra entre as estrelas, as mulheres ideais, o abstrato e a miragem...

O artista queria dar o fora nesta realidade corrosiva e se quintessenciava, - é o termo - para ficar numa névoa doirada, como um trecho de Beethoven de que fala Aldous Huxley, no "Contra-ponto", distanciado e etéreo, no irreal...Ou então éramos uns trágicos bonecos para o divertimento dos salões...Não se misturava o sonho com a nossa camisa rota, o sapato furado, a falta de 200 réis para o bonde...

Ernani Vieira que foi um espelho da nossa aventura intelectual na província, acabou morto a fome. Você, no seu ensaio, falou pelo nosso drama, pela dignidade de nossa posição de intelectuais e falou, por que não?, pelo nosso ódio também. Não nos bata a ironia...

Fazer ironia em nosso meio é fazer uma dolorosa caricatura de si mesmo. O ódio é justo, é mais libertação. É preciso acusar e desmontar, praticamente, a farsa e a miséria que negam a arte e a cultura. A província— e aqui não se entende, apenas, um sentido literário de província, mas a condição econômica, — arriou sobre nós um peso enorme de todos, ânsias, mórbidas, burocracia, deformações irreparáveis...A cultura virou boemia.

Você fez "Pae João" e cadê que lhe fazem a justiça de o colocar entre os melhores poemas brasileiros? **Cuia-Pitinga** é uma expressão tão local e tão universalmente humana! Você e o Jacques trouxeram para a arte uma realidade que não morrerá, porque não foi colhida entre as nuvens, mas entre os homens...

O artista corresponde, hoje, ao interesse da humanidade que ele condensa na sua emoção e no pensamento. Bate-se pela marcha da cultura e por um sentido mais alto e mais real da humanidade. Você o prova no seu ensaio.

"Diz Machael Gold:" nem sempre a mocidade é valorosa: a mais das vezes é desorientada; a pobreza apunhala a juventude, não temos uma saída, estamos isolados e dominam-nos instintos suicidas; e é por um lirismo doloroso que escrevemos, cercados de solidão". Não é nossa história tal e qual?

Continuamos a lutar pelo pão, mas a arte vem lutar ao nosso lado, compreendendo que do resultado dessa depende o seu futuro, a sua maior expressão de liberdade e de vida!

* Prefácio do ensaio "A margem do Cuia-Pitinga", de Bruno de Menezes.

Do seu
Dalcídio Jurandir
Belém, novembro de 1936.